

SUMÁRIO

- 9 *Prefácio*
 Maria Helena Pereira Franco
- 13 I · Filhos do silêncio
- 83 II · Tomar uma decisão, viver um conflito
- 163 III · Nascer para a eternidade
- 189 IV · Reflexos da perda

PREFÁCIO

Nove luas. Simples assim.

Para muitas mulheres, a gravidez se espelha no previsível, no planejado, no claro e translúcido período de espera, dando a mão à natureza e fazendo ambas seu trabalho. As mudanças do corpo sugerem surpresas e dão respostas para muitas perguntas. Há harmonia nesse desconhecido, no caso de uma primeira gravidez, e também nessa singularidade de cada gravidez. Há conflitos, não se nega o fato, mas a perspectiva do nascimento de um bebê saudável auxilia no enfrentamento das noites insones, dos conselhos descontraídos das mulheres da família, dos silêncios do companheiro.

Para outras, não é bem assim. A natureza enlouqueceu? Está brigando comigo? Por que eu me sinto uma estranha dentro da minha pele? O que significa isso que está acontecendo comigo?

As mulheres que têm sua gravidez interrompida vivem uma experiência solitária e incomunicável. Não há códigos comuns entre os atores desse cenário, sejam eles médicos, enfermeiros, familiares ou até o companheiro. Como dizer de uma dor para quem não suporta ouvi-la, para quem tem dificuldade de simplesmente ficar ao seu lado, mesmo sem ter de propor medidas a tomar ou soluções infalíveis? Por isso a solidão.

Como psicóloga experiente em cuidar de pessoas que vivem situações de perda e também como mulher e ser humano, percebo na gravidez interrompida uma situação que se torna mais complicada ainda pela dificuldade que o meio tem em admitir que se trata de um luto, de uma perda multifacetada. Há mulheres que, elas mesmas, não admitem ser um momento de luto, fazendo coro às vozes que lhe dizem: “Logo você engravida de novo” ou “Nem nasceu, você nem se vinculou a essa criança”. Como se isso fosse

possível! Esse não reconhecimento do luto, experiência complexa que é objeto de estudos de profissionais que se interessam por vivências críticas por parte da família e do indivíduo, representa uma ameaça à saúde mental da mãe interrompida, do casamento e até mesmo um risco intergeracional.

Mãe interrompida? Mas não é a gravidez que é interrompida? Se dizemos que quando nasce um bebê nasce também uma mãe, pode-se inferir que a gravidez interrompida leva a uma maternidade igualmente interrompida. Os relatos apresentados nesta obra – todos tocantes e plenos de genuína emoção – mostram com clareza esse não vir-a-ser, tornam palpável a tensão do gesto parado no ar, da volta que não se completa, da noite que não termina. Os significados atribuídos à maternidade são tantos que se comparam às vezes em que uma mulher se torna mãe. São culturalmente determinados, e também social e psicologicamente. O corpo se transforma; as relações com o mundo, com a própria identidade e com o companheiro não são mais as mesmas. No entanto, parece que esse direito de viver uma transformação irrevogável é negado à mulher que tem uma gravidez interrompida.

Uma médica inglesa, Cicely Saunders, trabalhou muito com pacientes terminais. Ela falou sobre a dor total, aquela que não é física mas dói no corpo, é imperceptível embora esteja presente na existência – a dor que mostra o imponderável, cujo significado só pode ser dado por aquele que a experimenta. Imagino que a experiência da gravidez interrompida se dê de acordo com os mesmos padrões. A dor é total e atinge as mães na essência do sentido da maternidade.

Os relatos das mães interrompidas trazem um aspecto que eu gostaria de destacar aqui: a necessidade de preparar os profissionais de saúde, em especial aqueles que lidam com situações extremas, no que diz respeito às relações humanas, para que exerçam seu ofício sem perder na vivência do outro. Médicos obstetras dizem com frequência que preferem não se vincular às pacientes, porque um abortamento é por eles entendido como um fracasso, como se eles tivessem falhado em algum ponto do processo referente aos

cuidados. Entre enfermeiros essa fala também é comum. Assim, a interrupção de uma gestação é indesejável para todos, independentemente de seu motivo, e todos sofrem esse impacto, em maior ou menor grau. Há aqueles que preferem se afastar, se distanciar, como se não tivessem sido tocados pelo fato. O presente livro traz relatos de profissionais que sofrem e têm dificuldade para lidar com esse sofrimento.

Costuma-se considerar que, segundo a cultura ocidental cristã, uma morte tem impacto direto sobre até dez pessoas. Não sei quanto esse dado é preciso ou se realmente se relaciona a uma realidade facilmente identificável. Posso afirmar, porém, que no caso da maternidade interrompida a definição desse número torna-se ainda mais nebulosa, e os relatos deste livro deixam isso muito evidente. Quem é afetado pela interrupção de uma gestação? Esse é um assunto que diz respeito à mãe e ao seu companheiro, mas também a avós, tios, rede social dos pais e assim por diante.

Parece não haver diferença entre o abortamento que se dá em razão de uma anomalia diagnosticada e o que ocorre devido a uma causa desconhecida. A perda e a reversão de expectativa têm o mesmo impacto, sendo que as guerreiras, como podemos denominar essas mulheres, ficam desprovidas de armas para viver. Talvez a principal arma que lhes falte seja a esperança. Nos relatos, há sim alguma esperança, que pode se desenvolver por meio de um doloroso processo de construção de significado para a experiência, apoiando-se na rede social e afetiva, nos sentidos da espiritualidade, na revisão dos propósitos de vida. Fica claro que uma nova gravidez, mesmo que levada a termo e resultando no nascimento de um filho saudável, não tem nem a finalidade nem o poder de substituir o filho que não nasceu.

Este talvez seja um dos mais importantes fatores para a manutenção da saúde mental dessas mulheres: um filho não substitui o outro.

Os relatos aqui apresentados mostram quanto essas mulheres-mães-guerreiras deixam de perder quando compartilham suas

histórias. Tenho algum pudor em dizer que elas ganham com esse compartilhamento, porque penso que não se trata de uma troca mensurável, entre ganhar e perder. Por esse motivo falo em “deixar de perder”, e posso ser mais específica: inaugura-se e percorre-se a ponte sobre o incomunicável. Embora cada experiência seja singular, saber que é possível sobreviver a essa batalha – com cicatrizes, sem dúvida – permite que essas mães interrompidas agreguem à sua biografia esse capítulo (em vez de apagá-lo). Escrever esse capítulo de sua biografia dá à mulher serenidade para significar o que viveu, uma experiência que pode até mesmo ter se iniciado ancestralmente, marcando as mulheres de sua história e definindo o sentido de ser e de não ser mãe.

Maria Helena Pereira Franco

Psicóloga e professora titular da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)



I

FILHOS DO SILÊNCIO



**ANA LAMY**

Numa madrugada mais escura e silenciosa que todas as outras, a minha última réstia de esperança abandonou-me... Desistiu, antes de mim...

Seis perpétuos meses, duas silenciosas perdas, dois desejados filhos de quem nunca conheci o pequeno rosto. Dois bebés que amei sem nunca os ter tido nos braços.

É assim que tudo começa e que parte de mim termina.

Engravidei em agosto de 2008, com 28 anos, tal como tínhamos planeado. Uma felicidade imensurável desabrochava cá dentro, algures no meu peito. Não sei exatamente onde nascia, mas a sentia a querer explodir por todos os poros da minha pele. Era demasiado desmedida para a conseguir prender no meu interior. A sua força fazia-me vibrar.

Aquelas risquinhas cor-de-rosa possuíam esse poder, o da felicidade plena. Ilustravam aquele teste de gravidez com uma autoridade de destino cumprido, segredavam-nos que o nosso filho nasceria em maio e esse facto dava-o como adquirido.

Nada poderia interromper o meu estado de felicidade, parecido com aquele que experimentámos quando nos apaixonámos, em que tudo culmina em nós.

Nunca cheguei a ter uma barriga notória, proeminente, mas isso não me impedia de afagá-la constante e repetidamente, com um sorriso aberto na face, de quem sente o milagre da vida a eclodir no seu ventre.

Passámos a adquirir um ritual sem que nos tivéssemos apercebido, fazia parte da nossa rotina não adormecermos sem acariciar o ventre que embalava o nosso bebé, sem lhe desejarmos boa-noite.